



O HOTEL PALÁCIO: FAUSTO & POMPA NO ESTORIL ENTRE GUERRAS

Cristina Carvalho

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE)

1. Um Paradigma de Modernidade

No verão de 1930, “o Arq. Raoul Jaurde, o decorador Fitté e o chefe de construção civil Léonce Reynés cumpriram o prometido, dando por pronto (...) o Hotel Palácio do Estoril” e a Sociedade Estoril-Plage publicitaria nos Media esclarecimentos² sobre o banquete inaugural, destacando-se: (1) a entrada pela porta principal, então virada ao Parque; (2) a toilette obrigatória pela presença do Chefe de Estado; (3) e a visita ao hotel. Na véspera, Fausto Figueiredo liderou a visita guiada e a Imprensa lisboeta ficou maravilhada com estrutura, serviços, eletrodomésticos e valências linguísticas dos funcionários³, vingando a ideia de que “uma reportagem jornalística num resort será mais facilmente acreditada do que a publicidade. 4” A unidade de luxo tinha quatro andares, elevador, 200 quartos, 100 casas de banho e o 5º piso era para o pessoal; como se reportaria, “tudo, tudo ali dentro é bom. Desde as excelentes cosi-

nhas, até ao mais insignificante aposento”⁵. A abertura ocorreu a 30 de agosto de 1930 e nela o Presidente Óscar Carmona agraciou Figueiredo com a *Grã-cruz da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial*⁶; em setembro um artigo clamaria que,

De hoje em diante, já podemos dizer aos estrangeiros - aos estrangeiros das mais altas categorias:

*- Visitem Portugal, porque além das suas incomparáveis belezas naturais, ele proporcionar-vos-há uma hospedagem confortável e não inferior ao que recebeis nos melhores «Palaces» do mundo.*⁷

Jean Chiappe, Prefeito da Polícia de Paris, seria o primeiro hóspede⁸ e, em entrevista, revelava-se encantado com o destino, admitindo que “Isto é verdadeiramente maravilhoso. E o clima, então, não tem rival. Diz-lho quem acaba de chegar de Deauville onde, atualmente faz frio.”⁹ A reputação mundial do Palácio firmou-se durante a lua de mel do Príncipe imperial do Japão¹⁰, pois os recém-casados chegaram a 8 de novembro, via *Sud-Express*, e partiram dia 11. Doravante, seria regular a publicitação de anúncios sobre ceias de Natal, *Réveillons*, festas de Carnaval, jantares de gala, entre outros eventos ele-

gantes e, desde cedo, o hotel afixou placas de recomendação com os timbres da *Automobile Association*, de Inglaterra, ou do *Automobile Club*, de França.¹¹

Por seu turno, uma fonte sindical de 1933 facultaria uma visão interna, na perspetiva dos funcionários¹²: para lá das queixas ao tratamento dos subordinados, cativam-nos as idiossincrasias dos primeiros diretores. Nada indicando sobre o Sr. Cambouville, desfilam frases deliciosas sobre a apoteótica chegada do também francês Gutron, que viera numa comitiva de três luxuosos automóveis, “qual aurífero Rajá... [num] deslumbramento que tornava ainda mais rutilante a já brilhante Costa do Sol.”¹³ Constatava-se que o *Maitre d’hotel* tinha que “Portugal era um país semisselvagem”¹⁴ e, ao fim de três meses, cederia o lugar a Dervin. De modos aristocráticos, Dervin era um homem comedido que se perfumava e banhava com regularidade, acabando substituído, pois a unidade “não podia ter sempre água perfumada e tépida para tantos banhos.”¹⁵ Contundente, o artigo refere que até a escolha de José Solheiro fora infeliz, por ele ser “um incompetente que deambulou sempre pelos serviços da indústria à cata de um lugar de destaque”¹⁶, através de artimanhas. Apontava-se a injus-

tiça para com Vítor Hugo, que apenas ascendera a “chefe de recepção, pois o verdadeiro diretor não sabe receber quem quer que seja.”¹⁷ A 27 de janeiro de 1934, o decreto-lei nº23:516 listava os estabelecimentos hoteleiros autorizados pelo regime salazarista e, na Costa do Sol, apenas o Estoril Palácio era classificado como *Hotel de luxo*.

Em setembro de 1938, *O Século Ilustrado* publicou caricaturas por Baltazar de elementos como o porteiro Manuel, o (agora) diretor António do Carmo¹⁸, os artistas Aníbal Contreiras e Augusto Pina, gestores como Guilherme Cardim e Joaquim Nunes Ereira, entre outros. Cardim era descrito como um *relações públicas* de cravo na lapela, notando-se que Figueiredo (com quase 58 anos) cedera o lugar ao filho António. O Estoril era descrito como um Estado organizado, sendo Armando Vilar o diplomata, Ereira o ministro do Interior, Alfredo Martins o da Propaganda, havendo um discreto ministro das Finanças (não nomeado, mas tão arreado quanto o ditador Salazar), um chefe da Casa Militar (General Vieira da Rocha) e outro da Casa Civil (José Maria Álvarez), representando Eurico Serra a Autoridade, “[e] tanto o Estoril é um Estado independente que o Governo Português ali tem um seu representante – o embaixador Arnaldo Fletcher...”¹⁹

A última apreciação reporta-se à gestão público-privada que, pela publicação do decreto-lei nº23:472, de 19 de janeiro de 1934, o *resort* passou a ter, pois definia os termos de colaboração com o regime e a nomeação de delegado no conselho de administração da Estoril-Plage. Maugrado a interferência estatal inerente à estância faustina, o diploma reconhecia que “o Estoril é a base em que possivelmente por muito tempo assentará o turismo em Portugal. Ora uma estação de turismo precisa de constante desenvolvimento. As suas instalações requerem contínua renovação.”²⁰



Em 1934 dizia-se que “o Estoril é a base em que possivelmente por muito tempo assentará o turismo em Portugal”

2. A Deficiente Formação Nacional

Desde cedo os hoteleiros portugueses se ocuparam da formação do *staff*, visando providenciar um serviço que satisfizesse a clientela habituada a tratamento exímio em estâncias estrangeiras. No tocante às concessões da Sociedade Estoril-Plage, Fausto Figueiredo estava atento a esse preciosismo, vital ao sucesso do seu projeto, mandando vir do estrangeiro alguns profissionais para os quadros superiores e para dar aulas. Todos os empregados eram ensinados a dar razão ao cliente e a demonstrar capacidade de resolução de problemas ou de conflitos, sempre baseando-se no aconselhamento do responsável máximo, o diretor.²¹

Exemplo do investimento na formação foi a festa, de 1935, no Palácio, para entrega de prémios aos alunos mais aplicados que estudaram línguas (Português, Inglês e Francês) com a professora Georgina Laidley. Na cerimónia de conclusão discursaria Armando Marques Guedes, sendo entregues, por Guilherme Cardim, Fausto Figueiredo e pelo filho, António do Amaral Figueiredo, estojos com canetas de tinta permanente, obras impressas (como dicionários) e outros objetos de estacionário. Representando os alunos, Valentim Abrantes (ajudante do *Maitre* do restaurante) agradecerá formação e prémios. Assertivo, o periódico *O Estoril* alerta-

va que se impunha “que, sem demora, sejam criadas escolas similares nos principais centros do País, mantidas pelas empresas hoteleiras e responsabilizando-as pela regular frequência dos seus empregados.”²²

Aos apelos pronunciados desde o *I Congresso de Hotelaria* de 1917, o poder central respondeu, em 1931, com a criação do curso de gerentes de hotéis e restaurantes, na Casa Pia, que não saiu do papel²³. Após o *I Congresso Nacional de Turismo*, em 1936, e face à insistência dos proprietários, anunciou-se que o Conselho Nacional de Turismo escolhera o Hotel Aviz²⁴ para instalar a escola. Contudo, só a 10 de dezembro de 1958 nasceria a Escola Profissional da Indústria Hoteleira de Lisboa, no 1º andar do Nº21 da Avenida António Augusto Aguiar, sob direção de Gil de Almeida.²⁵

Quanto a *faits-divers* no âmbito da 7ª *Arte* e da valorização da hotelaria e profissões apenas a nível internacional, refira-se que, em 1929, Vicki Baum publicou o livro *Menschen im Hotel* que, em 1932, inspirou o filme *Grand Hotel* protagonizado por Greta Garbo e Joan Crawford (e que recebeu o Óscar da Academia para *Melhor Filme*). Em 1939, o cinema Eden estreou *Hotel Imperial*²⁶, mas já no ano anterior os irmãos Marx haviam protagonizado a comédia *Hotel dos Sarilhos*.²⁷ ■

1 Manuel Guimarães e António Valdemar – *Grandes Hotéis de Portugal*, Lisboa, Edições Inapa e Instituto de Apoio e Financiamento ao Turismo, 2001, p.134.

2 *Diário de Lisboa*, 16 de agosto de 1930, p.4.

3 *ABC*, 4 de setembro de 1930, pp.20-21.

4 Mário Batista – *Turismo – Gestão Estratégica*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 2003, p.98.

5 *ABC*, 4 de setembro de 1930, pp.20-21.

6 Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº220, de 22 de setembro de 1930.

7 *Diário de Lisboa*, 1 de setembro de 1930, p.6.

8 Ralph Fox, 1936 – *Portugal Now*, trad. Rui Lopes, Lisboa, Tinta da China, 2006, p.65.

9 *Diário de Lisboa*, 20 de agosto de 1930, p.8.

10 ANTT/MI/GM, mc.449, pt.32/9.

11 *Diário de Lisboa*, 16 de agosto de 1932, p.2.

12 Apesar da Lei de 1919 manter os trabalhadores hoteleiros como *domésticos*, o reconhecimento mudaria com o decreto nº24:402, de 24 de agosto de 1934. Cf. Américo Nunes – *Diálogos com a História Sindical: Hotelaria, de Criados Domésticos a Trabalhadores Assalariados*, Lisboa, Edições Avante, 2007, p.266.

13 *O Dever*, 10 de janeiro de 1933, p.4.

14 *Idem*, p.4.

15 *Ibidem*.

16 *Ibidem*.

17 *Ibidem*.

18 Outra gerente do Riviera Palace, em Cascais e, em 1932, da *Pensão Estoril*, na Rua de Oliveira.

19 *O Século Ilustrado*, 17 de agosto de 1938, p.19.
20 Cf. Decreto nº23:472, de 19 de janeiro de 1934.

21 “Estoril – Uma Realização Pessoal”, *Dirhotel*, nº29, julho/agosto 2001, p.24.

22 *O Estoril*, 12 de maio de 1935, p.2.

23 Cf. Decreto nº19:317, de 7 de fevereiro de 1931.

24 *O Século*, 12 de novembro de 1937, p.5.

25 Rebatizada, em 1965, para homenagear o seu pai, o ilustre Alexandre de Almeida, em 1975, receberia o nome de Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa. Cfr. *O Século*, 11 de dezembro de 1958, p.2; Paulo Revés (coord.) – *Escola de Hotelaria e Turismo – Lisboa*, Lisboa, Turismo de Portugal, I.P., 2009; Jorge Umbelino (coord.) – *INFUTUR 1965-2006*, Lisboa, INFUTUR – Instituto de Formação Turística, 2006.

26 *O Século*, 19 de outubro de 1939, p.2.

27 *Cinéfilo*, 4 de novembro de 1938, p.6.